

Poema da malta das naus

À "Lancei ao mar um madeiro,espetei-lhe um pau e um lençol.Com palpite marinheiromedi a altura do Sol.À Deu-me o vento de feijão,levou-me ao cabo do mundo.pelete de vagabundo,rebotalho de giba.À Dormi no dorso das vagas,pasmei na orla das praiasarreneguei, roguei pragas,mordi peloiros e zagaias.À Chamusquei o pão hirsuto,tive o corpo em chagas vivas,estalaram-me a gengivas,apodreci de escorbuto.À Com a mão esquerda benzi-me,com a direita esganei.Mil vezes no chão, bati-me,outras mil me levantei.À Meu riso de dentes podrescoou nas sete partidas.Fundei cidades e vidas,rompi as arcas e os odres.À Tremi no escuro da selva,alambique de suores.Estendi na areia e na relvamulheres de todas as cores.À Moldei as chaves do mundoa que outros chamaram seu,mas quem mergulhou no fundodo sonho, esse, fui eu.À O meu sabor é diferente.Provo-me e saibo-me a sal.Não se nasce impunementenas praias de Portugal."

Antônio Gedeão in Teatro do Mundo